

UNIVERSALIDADE

A Samaritana e o Centurião

Duas figuras dos Evangelhos que se relacionaram com Jesus demonstram-nos o seu carácter de missionário universalista, portador de uma doutrina messiânica que visou o esclarecimento da humanidade em relação à criação bem como ao respeito e amor por todos os seres vivos e indicou o caminho de regresso das criaturas a Deus.

É delas que vamos falar: da samaritana e do centurião. Uma pertencente a uma faixa judaica considerada dissidente e outro nascido sob a égide do império romano que, na época, dominava praticamente toda a Europa, norte de África junto ao Mediterrâneo e o Médio Oriente.

Para podermos esclarecer, segundo a nossa análise, o universalismo da doutrina que Jesus difundiu, torna-se necessário que, em diversas exposições, se mencione alguns apontamentos esclarecedores da época em que o Messias percorreu as terras de Israel.

Estamos num ciclo evolutivo em que muitas pessoas se debruçam sobre o que dizem os Evangelhos na ânsia de como se pode compreender o significado da vida, em presença de uma rápida transformação em que a estrutura social humana se desenvolve.

Perante os seus olhos sucedem-se acontecimentos que deixam a humanidade petrificada perante manifestações onde o egoísmo, o orgulho e a falta de fraternidade acontecem e, mesmo ao lado, se desenrolam atitudes em que a compaixão, o amor fraternal, o altruísmo e a dádiva incondicional da disponibilidade de ajuda do Homem se revela com elevação.

A luta pela vida, no meio dos escombros morais, na desenfreada voracidade do possuir, onde a palavra de honra perdeu valor, leva muitos seres à desilusão da confiança do que é e não é válido, a um desalento deambulante às escuras, num estado de completo desnorteamento sobre os valores Divinos, num esgotante desespero que os conduz muitas vezes a depressões lastimáveis e à desistência da própria vida.

A doutrina cristã que Jesus dinamizou na humanidade, na sua pureza primitiva proporciona-nos o conhecimento e a claridade de que necessitamos na luta pela vida na Terra e toda a luz que é indispensável para o aperfeiçoamento de nossas almas.

Devemos, através dela, aprofundar a razão de ser da vida que Deus nos deu, sob pena de nos perdermos na aridez do deserto da descrença esgotando a nossa capacidade de fé sob um mundo destruidor, aparentemente destituído dos mais elevados princípios dos ideais da espiritualidade.

Nota-se hoje uma ânsia dinâmica para entender a razão de ser da vida, numa procura constante de sabermos porque existimos, de onde viemos e para onde vamos.

Por isso muitos pensadores estão trazendo à luz do mundo muitas obras narrando as suas estruturas espirituais, construídas com base em análises e estudos dentro da sua própria racionalidade e lógica de compreensão, que demonstram o interesse pelos assuntos da imortalidade da alma.

Para além disso existe a efectivação de palestras, retiros espirituais e workshops, baseados nos conhecimentos que foram legados à humanidade por seres despertos para a espiritualidade desde a noite dos tempos e que achamos que deverão ser considerados valiosos contributos para outras estruturas consentâneas com a evolução espiritual de cada ser.

Pela nossa parte encontramos em Jesus um manancial de ensinamentos que, compreendidos em profundidade, ensinam o que já tinha sido revelado em outras formas de expressão e em antigas culturas espirituais que nos vêm mostrar que não tendo nós a verdade absoluta, a teremos que obter por mérito próprio por ser esse o objectivo e o resultado último da evolução hominal.

A verdade, embora relativa, tem estado sempre ao nosso alcance, porque a absoluta só Deus a possui e por isso Jesus nos diz: «Um dia conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.»(Jo 8,32) o mesmo que é dizer um dia conhecereis Deus e Deus vos libertará da vossa ignorância.

Como é sabido, Jesus, acompanhado dos seus discípulos, percorria longas distâncias espalhando o conhecimento por quem o escutava e, deste modo, quando vinha da Judeia rumo à Galileia, ao chegar à cidade de Sicar na Samaria, descansou perto da fonte de Jacob, junto a uma quinta que Jacob tinha oferecido a seu filho José.

Segundo o Antigo Testamento, aquela fonte, que tinha o nome do seu construtor e primeiro proprietário, já tinha sido palco de encontros que haviam dado lugar a casamentos que se encontram narrados no chamado Antigo Testamento.

Jesus, cansado do seu caminhar, resolveu parar naquele lugar e, segundo o que está relatado, era quase a hora sexta (que corresponde ao meio-dia).

Convém saber que os judeus e os samaritanos estavam divididos na sua crença religiosa e cada uma delas reclamava para si a verdadeira.

Logo, qualquer relação entre eles seria considerada uma ofensa tendo em vista que os judeus se achavam superiores e oravam a Deus no templo em Jerusalém e os samaritanos faziam as suas orações no monte de Garazim e, por motivos religiosos, não se comunicavam entre si.

Como é evidente a adoração a Deus não terá que ser obrigatoriamente em algum lugar determinado, pois estando Deus em toda a parte, pode ser adorado em qualquer sítio pois o que importa é a abertura da alma humana ao fluxo Divino do Creador.

«Entretanto, aproximou-se da fonte uma samaritana que ia buscar água e Jesus, tendo sede, pediu-lhe de beber: “Dá-me de beber”» (Jo 4), o que deixou a mulher deveras preocupada.

Disse-lhe depois a mulher samaritana: «Como sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana?»

E, como sempre, este nosso Jesus se mostra universalista com a consciência íntima de que o Deus que mora dentro dele é de todos e não só de alguns.

E, aproveitando o embaraço, explica à samaritana: «Se tu conheceras o dom de Deus, e quem é o que te diz dá-me de beber, tu lhe pedirias, e Ele te daria água viva.»

Observando Jesus, ela lhe respondeu: «Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo: onde pois tens a água viva? És tu maior do que o nosso pai Jacob, que nos deu o poço, bebendo ele próprio dele, e os seus filhos, e o seu gado?»

Atento, Jesus lhe respondeu, dizendo: «Qualquer que beber desta água tornará a ter sede; mas aquele que beber da água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna.»

Pressurosamente, pede-lhe a mulher: «Senhor, dá-me dessa água para que não tenha mais sede, e não venha aqui tirá-la.»

Respondendo a este pedido disse-lhe Jesus: «Vai! Chama o teu marido, e vem cá.»

Respondeu a mulher: «Não tenho marido. Disse-lhe Jesus: Disseste bem: não tenho marido. Porque tiveste cinco maridos e o que agora tens não é teu marido; isto disseste com verdade.» (Jo 4,4-18).

Perante tal evidência das palavras de Jesus, a mulher ficou extremamente confusa pois aquele homem tinha-lhe falado de coisas da sua vida privada e também de uma fonte que jorrava para a vida eterna.

Perplexa e maravilhada com o desenrolar daquele diálogo, perguntou-se: Não seria aquele homem um profeta?

E, não perdendo tempo, imediatamente correu a chamar o povo para que também o pudesse ouvir.

Para que isso possa acontecer, necessário se torna que o Homem cumpra com honestidade e desvelo as leis que regem a criação.

Por isso compreendemos nós, pelo que disse Jesus, que a água que sacia toda a sede é a água que jorra do alto quando, em plena abertura da alma humana, se espraia pela alma suplicante sedenta de justiça, de amor e de verdade, amenizando-a, harmoniosamente impulsionada pela vibração amorosa do espírito Divino.

E assim se vai compreendendo o dito público de Jesus em plenos festejos dos tabernáculos na cidade de Jerusalém quando, no último dia, o grande dia da festa, Jesus se pôs em pé e clamou, dizendo: «Se alguém tem sede, venha a mim, e beba. Quem crê em mim, como diz a escritura, rios de água viva correrão do seu ventre.» (Jo 7,37-38).

«E isto disse ele do espírito que haviam de receber os que nele cressem; porque o Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado.» (Jo 7,39).

Água é o símbolo da doutrina ministrada pelo espírito. A água pura representa o símbolo da espiritualidade.

O Espírito Santo manifestar-se-á no Homem quando este tiver assimilado, na sua consciência, toda a essência da doutrina que Jesus veio trazer ao mundo e a manifeste naturalmente, quer em acções, quer em pensamento, porque ela definirá fielmente a sua natureza Divina.

Jesus, através da água pura, deu-nos a doutrina da água. Trouxe-nos os ensinamentos da vida de luz, de paz, de verdade e do amor.

Disto tem a certeza todo aquele que percorrendo o caminho de verdade que Jesus nos ensinou traz Deus no mais íntimo da sua alma que, por sinal, tem como sede simbólica física o coração.

Todos os seus ensinamentos legados à humanidade abrangem todos os mundos, todos os seres vivos, quer sejam em fase material, quer sejam já em fase espiritual e garante a todos, sem excepção, a vida eterna.

Não admira pois que o homem esteja tentando redescobrir aquilo que há dois mil anos lhe foi transmitido e se desvaneceu nas brumas das tentações materiais e das ilusões do mundo, na tentativa de reencontrar o caminho que Jesus nos transmitiu e que conduzirá o homem à plenitude da sua natureza Divina.

Não podemos deixar de mencionar que Jesus, sendo um sábio do espírito, não nos poderia trazer numa bandeja toda a descodificação da verdade.

É necessário, para que o homem evolua, que a realize, pois só vivendo se sabe.

Razão porque muitos dos seus ensinamentos nos foram dados através de parábolas que, à medida que o Homem vai tendo intuição do oculto, se vão desvendando à sua própria alma que já estará em condições de os poder receber.

Porque não foi em vão que Jesus nos disse: «Procura e encontrarás, bate e abrir-se-te-á.» (Mt 7,7)

Depois de apreciarmos os ensinamentos e as acções de Jesus, não nos restam dúvidas de que o Messias era possuidor de grande sabedoria e que sempre primou pela defesa dos fracos, dos injustiçados, dos desvalidos e dos pobres, pondo a nu toda a insidiosa esperteza do ego físico, mental e emocional.

Um puro universalista porque tem a vivência do todo e sendo Deus absoluto, a verdade se encontra por todo o lado.

Como é conhecido, Jesus curou muitas pessoas sem olhar às suas condições sociais, fossem judeus, romanos, os chamados gentios ou de qualquer outra nacionalidade ou religião. Para ele eram apenas seres seus irmãos creados por Deus.

E deste modo temos também o relacionamento de Jesus com um centurião romano, designação militar que indicava o comando de cem homens, cuja disciplina romana os levava a obedecerem-lhe sem reservas.

Estes soldados romanos estavam aquartelados na cidade de Cafarnaum e, por força das suas funções, o centurião estava a par dos acontecimentos religiosos nomeadamente da actuação de João Batista que convidava o povo ao arrependimento deitando-lhes água do rio Jordão por cima da cabeça numa simbologia de purificação, para que de futuro se transformassem e seguissem uma vida fraterna e digna.

Também ia chegando ao conhecimento do centurião toda a actuação pública de Jesus não só pelos seus ensinamentos espirituais como também das suas obras, que o povo atribuía a verdadeiros milagres.

No extravasar de sua sabedoria ia Jesus mostrando, a quem o seguia e ouvia, que almas sensíveis e já abertas ao fluxo espiritual, tocadas pelo espírito Divino no seu interior, se encontram em todos os povos, em todos os estratos sociais, quer sejam ricos ou pobres quer sejam cultos ou não.

Não podemos esquecer que aquele centurião estava votado e militarmente treinado e preparado para a guerra e implicitamente obrigado, no cumprimento das suas funções, a matar e mandar matar. Assim era no seu tempo.

Mas isso não obsta a que haja almas, no albor da espiritualidade, que já sentem a influência de amor e de sabedoria que implicitamente brotam do seu eu real, até porque era evidente a sua preocupação pelo sofrimento do seu escravo.

Ora tendo Jesus chegado a Cafarnaum e tendo este centurião um criado que adoecera gravemente encontrando-se moribundo – e presumimos que já tivesse consultado os médicos daquele tempo (pois através da profissão de Lucas, que era médico, sabemos que eles existiam) não devendo ter alcançado qualquer êxito de cura – resolveu, por tal motivo, recorrer abertamente àquele cuja fama era conhecida como curador.

«E quando ouviu falar da presença de Jesus, enviou-lhe uns anciãos dos judeus, rogando-lhe que viesse curar o seu servo.

E, chegando eles junto de Jesus, rogaram-lhe muito, dizendo: É digno que lhe concedas isto. Porque ama a nossa nação, e ele mesmo nos edificou a sinagoga.

E foi Jesus com eles; mas, quando já estava perto da casa, enviou-lhe o centurião uns amigos, dizendo-lhe: Senhor não te incomodes, porque não sou digno de que entres debaixo do meu telhado; e por isso nem ainda me julguei digno de ir ter contigo; dize, porém, uma palavra, e o meu criado sarará.

Porque também eu sou homem sujeito à autoridade, e tenho soldados sob o meu poder, e digo a este: vai; e ele vai; e a outro: vem; e ele vem; e ao meu servo: faz isto; e ele o faz.

E ouvindo isto Jesus, maravilhou-se dele, e voltando-se disse à multidão que o seguia: Digo-vos que nem ainda em Israel tenho achado tanta fé.

E voltando para casa os que foram enviados, acharam são o servo enfermo». (Lc 7,3-10)

A sua alma dizia-lhe que recorresse sem demora a Jesus e assim aconteceu tendo sido recebido o seu pedido com toda a fraternidade porque, para Jesus, as almas dos seus semelhantes não eram desconhecidas pois ele intuía onde a semente interior já tinha iniciado o desenvolvimento do seu crescimento espiritual.

Naquele tempo pouco valor se dava à vida humana de um escravo e é o cuidado daquele centurião com a saúde do seu criado que nos mostra como a sua alma já tinha alcançado a sensibilidade da compaixão.

Na interpretação deste facto podemos fazer uma ideia do consciente desenvolvimento da sua alma que, em sua pureza, afirma que ao Espírito Divino nada é impossível quando a alma actua por sua influência.

Ninguém desconhece, pela história universal, quão doloroso era o ferro dominador do império romano, quão opressor era o seu domínio sobre os povos conquistados e também da violência brutal da acção dos seus soldados, devidamente preparados e especializados para a guerra, sobre quem não lhes pudesse oferecer resistência.

Mas era evidente que naquele centurião crescia a luz do conhecimento interno e, segundo os relatos dos livros sacros, não foi este o seu único contacto com Jesus. Outros houve e, sobretudo, esteve presente, cheio de desgosto e sofrimento, na crucificação daquele que lhe tinha aberto a alma.

Para si, não era preciso que o espírito puro que habitava a alma de Jesus fosse a sua casa para que o seu servo ficasse curado da enfermidade, bastava-lhe que Jesus o ordenasse.

E Jesus, maravilhado ante a fé daquele centurião que não era judeu mas romano, sem tradição do Deus único, criado sob conceitos panteístas, ficou inundado de amor perante as palavras do soldado romano e virando-se para os seus discípulos lhes diz: «Em verdade vos afirmo, que nem mesmo em Israel achei tamanha fé.»

A luz não foi feita senão para iluminar, assim como a verdade para libertar, a esperança para consolar e animar, a caridade para amparar e purificar, e a sabedoria para guiar e engrandecer.

E o mestre ainda nos elucida: Mas eu vos digo que «virão do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul, e sentar-se-ão à mesa no Reino de Deus» (Lc 13,29), à mesa com Abraão, e Isaac, e Jacob no reino dos céus. «E os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores; ali, haverá pranto e ranger de dentes.» (Lc 13,28).

Mas quem serão os filhos do reino? São os filhos da mentira, do mercantilismo, do orgulho, do ódio, da hipocrisia, das exterioridades idolátricas, da traição, que ficarão imersos nas trevas por eles mesmos criadas.

Estagnaram-se na crença porque não a converteram em fé. Dominados pelas ilusões dos mundos da forma, abdicaram do esforço de crescimento da sua alma, não trataram daquela semente que germinaria no mais íntimo das suas almas viventes, semente que Jesus nos diz que existe em nosso ser e que floresce em nossos corações.

Caiu em terra árida, onde o sol e a chuva não se encontraram e daí o sofrimento e a dor, no lugar da expansão do amor.

Terão que esperar até que as trevas se dissipem e uma nova aurora de luz e amor os inunde.

07-05-1986 Abrame